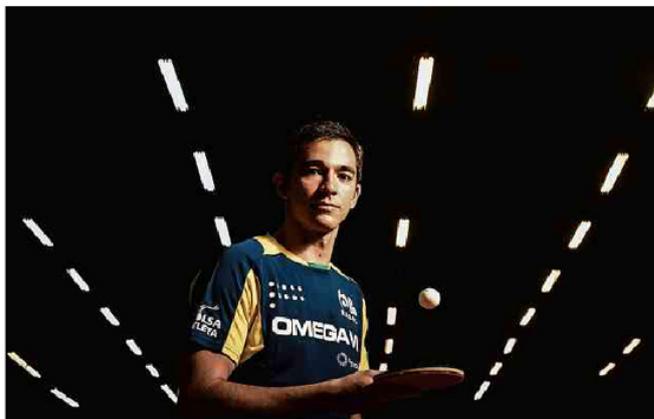


Sonho de medalha olímpica de Calderano passa pela China



Hugo Calderano em São Caetano do Sul, onde treina para torneio em maio Karime Xavier/Folhapress

Sonho de medalha olímpica de Calderano passa pela China

Popular no país asiático, brasileiro quer disputar liga local para se aprimorar e subir no pódio em Paris-2024

Alex Sabino

SÃO CAETANO DO SUL. Número três do mundo e maior mesa-tenista da história do Brasil, Hugo Calderano, 25, acredita ser mais popular na China do que na sua terra natal.

No Weibo, rede social chinesa, Calderano tem mais de 100 mil seguidores locais. No Instagram, são 180 mil.

"Mas aí é gente do mundo todo. No Weibo, não", explica.

A intenção do brasileiro é estreitar este contato porque por ali passa o seu caminho para a inédita medalha olímpica em Paris-2024. Seu plano é, no futuro próximo, jogar a liga chinesa. Por conta própria, começou a estudar mandarim. Não está fluente, mas consegue se comunicar bem.

"Sempre que vou à China, a galera é bem fanática. Há muitos jogadores estrangeiros que quando vão não conseguem ganhar muitos jogos, mesmo de chineses não conhecidos no cenário internacional. O nível é muito alto e dá para aprender bastante, principalmente com os melhores."

Os principais alvos são Fan Zhendong e Ma Long, números 1 e 2, respectivamente, do ranking mundial. Os dois têm dominado as competições internacionais. Nos Jogos de Tóquio, Long foi ouro e Zhendong, prata. A China conquistou todas as primeiras colocações da modalidade, menos nas duplas mistas. Ficou em segundo.

O plano de Calderano não é novo, mas a pandemia da Co-

vid atrapalhou tudo. Ele também estava perto de chegar à final da Champions League, o mais importante torneio de clubes no tênis de mesa, mas a Guerra da Ucrânia impediu.

O brasileiro era atleta da Fakel Orenburg, equipe russa patrocinada pela Gazprom, a estatal de energia do país. Estavam na semifinal e ganharam o primeiro jogo por 3 a 1.

Foi quando a Rússia invadiu a Ucrânia. O time foi retirado da competição e Calderano rescindiu contrato. Está sem clube agora, mas, reconhece, para o número três do mundo não faltam propostas.

Calderano mora há oito anos na Alemanha e o tempo fora do Brasil o ajudou a tornar-se um atleta diferente dos demais. Tem grande interesse em línguas (fala cinco de forma fluente: português, inglês, espanhol, alemão e francês e se comunica bem em italiano e mandarim) e gostava de brincar com cubo mágico como forma de lhe dar rapidez nas mãos, além da diversão.

Ele volta à Europa no final de maio. Até lá, fica no Brasil, aonde geralmente vem apenas de férias. Não neste ano. Está em período de treinos em São Caetano do Sul (ABC Paulista), ao lado de outros atletas da equipe nacional e da França, contra quem vai disputar torneio no Rio de Janeiro, no início do próximo mês.

É observado por adolescentes que também praticam o tênis de mesa em ti-

mes do município. Carioca, ele se mudou para São Caetano aos 14 anos, acompanhado pelo avô, para se dedicar de verdade ao esporte que até então era só um hobby.

Mesmo com uma longa carreira pela frente ainda, uma das preocupações de Calderano é que legado pode deixar na modalidade. Porque o Brasil nunca teve um atleta tão relevante quanto ele e em posição tão alta no ranking.

Fora os dois Jogos nos quais participou. Em 2016, parou nas oitavas de final. Em Tóquio, uma das imagens mais fortes da delegação brasileira foi a das lágrimas de Calderano após perder de virada para o alemão Dimitrij Ovtcharov, nas quartas.

Depois disso, ele obteve o melhor resultado da carreira. Em setembro do ano passado, ganhou a etapa de Doha do circuito mundial, feito inédito no esporte nacional, e chegou à terceira posição do ranking.

"Falando de forma realista, o Fan Zhendong está muito acima. Acho que os dois [Zhendong e Ma Long] estão muito acima de todo mundo. Acredito 100% que posso ganhar deles em um jogo, talvez nos Jogos Olímpicos ou no Mundial, mas ter a regularidade que eles têm é outra história."

O próprio Hugo Calderano, porém, ensaia um sorriso com a resposta. Pois para ganhar a medalha olímpica, uma vitória pode bastar.

"Eu não coloco limites para mim mesmo. Eu sei que posso chegar lá. Treino para isso."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Esporte **Caderno:** A **Página:** 7